

A Dialética das Relações Raciais

Octavio Ianni

A questão racial parece um desafio do presente, mas tem sido permanente. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica de sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Vista assim, em perspectiva ampla, a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas de modernidade. Ao lado de outros dilemas, também fundamentais, como as guerras religiosas, as desigualdades masculino-feminino, o contraponto natureza e sociedade e as contradições de classes sociais, a questão racial revela-se um desafio permanente, tanto para indivíduos e coletividades como para cientistas sociais, filósofos e artistas. Uns e outros com frequência são desafiados a viver situações e/ou interpretá-las, sem alcançar a explicação, nem resolver a situação. São muitas, recorrentes e diferentes, as tensões e contradições polarizadas em termos de preconceitos, xenofobias, etnicismos, segregacionismos ou racismos; multiplicadas ou reiteradas no curso dos anos, décadas e séculos, nos diferentes países, continentes, ilhas e arquipélagos.

Esse o dilema envolvido na polêmica entre Bartolomeu de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda, na época da conquista do Novo Mundo, repetindo-se e desenvolvendo-se nas vivências e ideologias, teorias e utopias de muitos, no curso dos tempos modernos. Essa é uma história na que entram Herbert Spencer, Conde de Gobineau e Georges Lapouge, tanto quanto o evolucionismo e o darwinismo social, o nazismo e o americanismo¹.

Em certa medida, o debate relativo ao “choque de civilizações” implica em xenofobia, etnicismo e racismo. Ao hierarquizar as “civilizações”, hierarquizando também povos, nações, nacionalidades e etnias, é evidente que se promove a classificação, entre positiva, negativa, neutra ou indefinida, de uns e outros. Quando Samuel P. Huntington classifica as “civilizações contemporâneas” em: Chinesa, Japonesa, Hindu, Islâmica, Ocidental e Latino-americana, está, simultaneamente, estabelecendo alguma relação entre etnia, ou raça, e cultura, ou civilização; uma relação cientificamente insustentável, desde Franz Boas, mesmo quando dissimulada. Essa é, obviamente, uma implicação da sua “teoria”, ao priorizar a “Civilização Ocidental”, por sua escala de “modernização”, “tecnificação”, “produtividade”, “prosperidade”, “lucratividade”. Aliás, esse contrabando etnicista, xenófobo ou racista está presente em diferentes pensadores empenhados em

¹ Michel Banton, A Idéia de Raça, trad. de Antônio Marques Bessa, Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1979; Richard Hofstadter, Social Darwinism in American Thought, Beacon Press, Boston, 1967; E. Franklin Frazier, Race and Culture Contacts in the Modern World, Alfred A. Knopf, New York, 1957; Eric R. Wolf, Europe and the People Without History, University of California Press, Berkeley, 1982; K.M. Panikkar, A Dominação Ocidental na Ásia, trad. de Nemésio Salles, 3ª edição, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977; J. A. Hobson, Imperialism, Ann Arbor, Toronto, 1965; Eric Williams, Capitalismo e Escravidão, trad. de Carlos Nayfeld, Companhia Editora Americana, Rio de Janeiro, 1975; David Brion Davis, O Problema da Escravidão na Cultura Ocidental, trad. de Wanda Caldeira Brant.

“explicar” o mundo em termos de “modernização”, “racionalização”, “tecnificação” e outros emblemas ideológicos do “ocidentalismo”².

É evidente que Huntington “esquece” a presença e a atuação do mercantilismo, colonialismo, imperialismo ou capitalismo, simultaneamente “ocidentalismo”, na constituição do seu mapa do mundo; uma “recomposição da ordem mundial”, de conformidade com a geopolítica norte-americana, arrogando-se como herdeira do “ocidentalismo” como guardião do capitalismo; ou vice-versa. Toma cada “civilização” como se fossem “essências”, qualificáveis ou inqualificáveis, com referência ao padrão de civilização capitalista desenvolvida na Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América do Norte. Está empenhado em delinear a geopolítica de alcance mundial que está sendo exercida pelas elites governantes e as classes dominantes norte-americanas desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-45), entrando pelo século 21. Essa é a ideologia que informa também o pensamento e a prática de Henry Kissinger, Zbigniew Brzezinski, Condoleezza Rice e outros.

É assim que o mundo ingressa no século 21, debatendo-se com a questão racial, tanto quanto com a intolerância religiosa, a contradição natureza e sociedade, as hierarquias masculino-feminino, as tensões e lutas de classes. São dilemas que se desenvolvem com a modernidade, demonstrando que o “desencantamento do mundo”, enquanto metáfora do esclarecimento e da emancipação, continua a ser desafiado por preconceitos e superstições, intolerâncias e racismos, irracionalismos e idiosincrasias, interesses e ideologias³.

Mais uma vez, no início do século 21, muitos se dão conta de que está novamente em curso um vasto processo de racialização do mundo. O que ocorreu em outras épocas, a começar pelo ciclo das grandes navegações, descobrimentos, conquistas e colonizações, torna a ocorrer no início do século 21, quando indivíduos e coletividades, povos e nações, compreendendo nacionalidades, são levadas a dar-se conta de que se definem, também ou mesmo principalmente, pela etnia, a metamorfose de etnia em raça, a transfiguração da marca ou traço fenotípico em estigma. Sim, no século 21 continuam a desenvolver-se operações de “limpeza étnica”, praticadas em diferentes países e colônias, compreendendo inclusive países do “primeiro mundo”; uma prática “oficializada” pelo nazismo nos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-45), atingindo judeus, ciganos, comunistas e outros; em nome da “civilização ocidental”, colonizando, combatendo ou mutilando outras “civilizações”, outros povos ou etnias. A guerra de conquista travada pelas elites governantes e classes dominantes norte-americanas, em 2002 no Afeganistão, e em 2003 no Iraque, pode perfeitamente ser parte da longa guerra de conquistas travadas em várias partes do mundo, desde os inícios dos tempos modernos, como exigências da “missão civilizatória” do Ocidente, como “fardo do homem branco”,

² Samuel P. Huntington, O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial, trad. de M. H. C. Côrtes, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1997; Bernard Lewis, O Que Deu Errado no Oriente Médio?, Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002; Soren Kvalkof e Peter Aaby (editores), Is God an American?, International Work Group for Indigenous Affairs, Copenhagen, 1981.

³ Daniel Patrick Moynihan, Pandemonium: Ethnicity in International Politics, Oxford University Press, Oxford, 1994; Thomas Sowell, Race, Politique et Économie (Une Approche Internationale), trad. de Raoul Audouin, Presses Universitaires de France, Paris, 1986; Rita Jalali e Seymour Martin Lipset, “Racial and Ethnic Conflicts: A Global Perspective”, Political Science Quarterly, vol. 107, nº 4, 1992-93, pp. 585-606; John McGarry e Brendan O’Leary (Organizadores), The Politics of Ethnic Conflict Regulation, Routledge, London, 1993; Ronald Segal, The Race War, A Bantón Book, New York, 1967.

como técnicas de expansão do capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório.

Cabe refletir, portanto, sobre o enigma ou os enigmas escondidos na questão racial, enquanto sucessão ou multiplicação de xenofobias, etnicismos, intolerâncias, preconceitos, segregações, racismos e ideologias raciais, desde os inícios dos tempos modernos, em todo o mundo.

A - A raça, a racialização e o racismo produzem-se na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. É a dialética das relações sociais que promovem a metamorfose da etnia em raça. A “raça” não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psico-social e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e processos de dominação e apropriação. Racializar uns e outros pela classificação e hierarquização revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder. Racializar ou estigmatizar o “outro” e os “outros” é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento; bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando a *praxis* humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades. Sob todos os aspectos a “raça” é sempre “racialização”, trama de relações no contraponto e nas tensões “identidade”, “alteridade”, “diversidade”, “desigualdade”, compreendendo integração e fragmentação, hierarquização e alienação.

B - Um segredo da constituição da “raça”, enquanto categoria social, está na acentuação de algum signo, traço, característica ou marca fenotípica por parte de uns e outros, na trama das relações sociais. Simultaneamente, na medida em que o indivíduo em causa, podendo ser negro, índio, árabe, judeu, chinês, japonês, hindú, angolano, paraguaio ou porto-riquenho, está em relação com outros, aos poucos é identificado, classificado, hierarquizado, priorizado ou subalternizado. Mesmo porque uns e outros, indivíduos, grupos, famílias e coletividades estão inseridos em processos de cooperação, divisão do trabalho social, hierarquização, dominação e alienação, a transformação da marca em estigma, o que se manifesta na xenofobia, etnicismo, preconceito, segregação, racismo. Aos poucos, o traço, a característica ou a marca fenotípica transfigura-se em estigma. Estigma esse que se insere e incrusta nos comportamentos e subjetividades, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, como se fosse “natural”, dado, inquestionável, reiterando-se recorrentemente em diferentes níveis das relações sociais, desde a vizinhança aos locais de trabalho, da escola à igreja, do entretenimento ao esporte, das atividades lúdicas às estruturas de poder⁴.

Note-se que o estigma não atinge apenas aqueles que pertencem a “outras” etnias, já que atinge também a mulher, o operário, o camponês, os adeptos de outras religiões, o comunista. Trata-se de elaboração psico-social e cultural com a qual a “marca” transfigura-se em “estigma”, expresso em algum signo, emblema, estereótipo, com o qual se assinala, demarca, descreve, qualifica, desqualifica, delimita ou subordina o “outro” e a “outra”, indivíduo ou coletividade. Este é um aspecto fundamental da ideologia racial: o estigmatizado, aberta ou veladamente, é

⁴Oracy Nogueira, Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de Relações Raciais, T. A. Queiroz Editor, São Paulo, 1985, cap. “Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem”, pp. 67-93; Erving Goffman, Estigma, trad. de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

levado a ver-se e movimentar-se como estigmatizado, estranho, exótico, estrangeiro, alheio ao “nós”, ameaça; a despeito de saber que se trata de mentira. Precisa elaborar e desenvolver a sua autoconsciência crítica, tomando em conta o estigma e o estigmatizador, o intolerante e a condição de subalternidade em que está jogado.

C - É evidente que a personalidade, sensibilidade e subjetividade do racista desempenha um papel importante ou mesmo decisivo na trama das relações e formas de sociabilidade. Na fábrica da sociedade burguesa, envolvendo a individuação e o individualismo, a competição e o êxito pessoal, o status sócio-econômico e a classificação social, formam-se personalidades democráticas e autoritárias, tanto quanto estoicas e apáticas, egoístas e altruístas, neuróticas e psicóticas. Sendo que esses traços, ou estruturas de personalidade, às vezes exercem um papel decisivo no modo pelo qual o indivíduo em causa se relaciona com o “outro” ou os “outros”, tomados como estranhos, exóticos, diferentes, irreconhecíveis, ameaças. Conforme sugerem Adorno, Sartre e outros, o intolerante, preconceituoso ou racista, inventa o objeto de sua intolerância, ódio, agressão, podendo ser negro, árabe, judeu; por diferente, surpreendente. Sem esquecer que aquele que é marginalizado ou estigmatizado desenvolve uma consciência social singularmente sensível, fina, arguta, incômoda; traduzindo-se geralmente em mais lucidez, maior discernimento, o que é também diferente e surpreendente⁵.

D - A ideologia racial dos que discriminam, dos que mandam, os quais podem ser “brancos” ou outros, sintetiza e dinamiza a intolerância, xenofobia, etnicismo, preconceito ou racismo. É a ideologia racial que articula e desenvolve a gama de manifestações, signos, símbolos ou emblemas com os quais indivíduos e coletividades “explicam”, “justificam”, “racionalizam”, “naturalizam” ou “ideologizam” desigualdades, tensões e conflitos raciais. O racista fundamenta em argumentos que parecem consistentes e convincentes a sua “taxionomia” e hierarquização, distinguindo, delimitando, segregando ou estranhando o “outro”: negro, árabe, judeu, índio, oriental e assim por diante. São estereótipos, signos e símbolos mobilizados ao acaso das situações elaboradas no curso de anos, décadas e séculos, com os quais o “branco”, “dolicocefalo”, “europeu”, “ariano”, “norte-americano”, “ocidental” explica, legitima, racionaliza ou naturaliza a sua posição e perspectiva privilegiadas, de controle de instrumentos de poder. Nesse sentido é que essa ideologia é uma técnica de estigmatização recorrente, reiterada em diferentes fórmulas e verbalizações, desenvolvendo a metamorfose da marca em estigma. Sob vários aspectos, essa ideologia racial é transmitida por gerações e gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, envolvendo também sistemas de ensino, instituições religiosas e partidos políticos; e tem sido, continuando a ser; um componente nuclear da cultura da modernidade burguesa. Esse o contexto em que se formula, cria ou engendra o “mito da democracia racial”, significando que a sociedade brasileira seria uma democracia racial, sem ser uma democracia política e, muito menos, uma democracia social. É claro que essa expressão dissimula uma sofisticada forma de racismo patriarcal, patrimonial, elaborada desde o alpendre da

⁵ T. W. Adorno e outros, The Authoritarian Personality, Harper & Brothers, New York, 1950; J. P. Sartre, Reflexões Sobre o Racismo trad. de J. Guinsburg, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1960; Frantz Fanon, Peau Noire Masques Blancs, Éditions du Seuil, Paris, 1952, Albert Memmi, Portrait du Colonisé Jean-Jacques Pauvert Éditeur, Utrecht, 1966; Karl Marx, A Questão Judaica, trad. de Wladimir Gomide, Editora Laemmert, Rio de Janeiro, 1969.

casa-grande. Mais do que isso, pode ser uma cruel mistificação da desigualdade, intolerância, preconceito, etnicismo ou racismo, enquanto argamassas da ordem social vigente, da lei e da ordem. “Cruel” porque implica em neutralizar eventuais reações ou protestos, reivindicações ou lutas dos estigmatizados, definidos de antemão como participantes tolerados da “comunidade nacional”⁶.

E - É óbvio que o discriminado, segregado, estigmatizado, definido como “estranho”, “desconhecido”, “não confiável” elabora a sua contra-ideologia, ideologia de protesto, indignação, reivindicação, emancipação. Simultaneamente à estigmatização elabora criticamente a própria situação e a do “outro”, geralmente mas não sempre “branco”, administrador, capataz, conquistador, colonizador, membro de setores sociais dominantes, os quais se imaginam “superiores”, “civilizadores”. É assim que o estigmatizado elabora e reelabora a sua identidade: no contraponto com a alteridade, na dinâmica das relações, processos e estruturas hierarquizadas, desiguais, com as quais os que mandam ou desmandam empenham-se em preservar “a lei e a ordem”. Nesse percurso atravessado por vivências, o estigmatizado desenvolve a sua percepção, sensibilidade, compreensão; construindo e reconstruindo a sua consciência no contraponto do “eu” e “outro”, “nós” e “eles”, “subalternos” e “dominantes”. Assim aos poucos, ou de repente, realiza um entendimento mais amplo e vivo de qual é a sua real situação, quais são os nexos do tecido social no qual está emaranhado, de como essa sua situação implica decisivamente a ideologia e a prática dos que discriminam. Esse o percurso em que se desenvolve a consciência crítica, a autoconsciência ou a consciência para-si, reconhecendo que é desde essa autoconsciência crítica que nasce a transformação, a ruptura ou a transfiguração.

Charqueada Grande

Oliveira Silveira

Um talho fundo na carne do mapa:
Américas e África margeiam.
Um navio negreiro como faca:
mar de sal, sangue e lágrimas no meio.

Um sol bem tropical ardendo forte,
ventos aliseos no varal dos juncos
e sal e sol e vento sul no corte
de uma ferida que não seca nunca⁷.

⁶ Roger Bastide e Florestan Fernandes, Branços e Negros em São Paulo, 2ª edição, revista e ampliada, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959; Unesco-Anhembi, Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo, Editora Anhembi, São Paulo, 1955; Florestan Fernandes, O Negro no Mundo dos Brancos, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.

⁷ Oliveira Silveira, “Charqueada Grande”, publicado por Oswaldo de Camargo (Seleção e Organização), A Razão da Chama, Edições GRD, São Paulo, 1986, p.65.

Presentinho

Paulo Colina

Maio,
treze,
mil oitocentos e oitenta e oito,
me soam como um sussurro cósmico.

A noite sobressaltada
por sirenes me sacode.

Reviro os bolsos à procura do passe
que me permite, São Paulo, cruzar ruas
em latente paz.

A Princesa esqueceu-se de assinar
nossas carteiras de trabalho.

Desconfio, sim, que Palmares vivo
é necessário⁸.

F - No limite, a questão racial, em todas as suas implicações sociais, políticas, econômicas, culturais e ideológicas, pode ser vista como uma expressão e desenvolvimento fundamentais do que tem sido a dialética escravo e senhor no curso da história do mundo moderno. Constitui um ângulo particularmente crucial e fecundo do que têm sido os diferentes desenvolvimentos da sociedade moderna, burguesa, capitalista; visto o capitalismo como um modo de produção e processo civilizatório, mas histórico e, portanto, transitório. O que já se esboçava no século 16, com a polêmica entre Bartolomeu de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda, a propósito dos povos e civilizações do Novo Mundo, desenvolve-se, aprofunda-se e generaliza-se no curso dos séculos seguintes, à medida que se formam e transformam as castas e classes sociais. Daí a excepcional clareza, argúcia e contundência da famosa frase, com a qual Caliban anuncia a sua revolta contra Próspero: foi bom que você me ensinou a sua língua, agora já sei como amaldiçoá-lo. Assim nasce a rebeldia do colonizado contra o colonizador, do subalterno contra o conquistador; um primeiro momento da consciência crítica, da autoconsciência para-si; dialética essa que ressoa e desenvolve-se em escritos de Rousseau, Hegel, Marx, Engels, Gramsci, Fanon e muitos outros, em todos os continentes, ilhas e arquipélagos.

⁸ Oswaldo de Camargo (Organização), O Negro Escrito (Apontamentos sobre a Presença do Negro na Literatura Brasileira), Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1987, p. 180. Consultar também: José Luis González e Mónica Mansur (Organização), Poesia Negra de América, Ediciones Era, México, 1976; Roger Bastide, As Américas Negras, trad. de Eduardo de Oliveira e Oliveira, Difel, São Paulo, 1974; John Henrik Clarke e Amy Jacques Garvey (Organização), Marcus Garvey and the Vision of Africa, Vintage Books, New York, 1974; Paget Henry, Caliban's Reason (Introducing Afro-Caribbean Philosophy), Routledge, New York, 2000.

“O problema do século 20, disse o famoso líder negro americano William E. Bughart Du Bois, em 1900, é o problema da barreira de cor, a relação das raças mais escuras com as mais claras, dos homens na Ásia e África, na América e nas ilhas do mar. Foi uma notável profecia. A história do século atual foi marcada, simultaneamente, pelo impacto do Ocidente na Ásia e na África e pela revolta da Ásia e da África contra o Ocidente... A longo prazo... dois fatores foram fundamentais... O primeiro fato foi a assimilação por asiáticos e africanos das idéias, técnicas e instituições ocidentais, que podiam ser aproveitadas contra as potências ocupantes, um processo em que eles demonstraram ser mais aptos que a maioria dos europeus tinha previsto. O segundo foi a vitalidade e capacidade de auto-renovação de sociedades que os europeus tinham, com excessiva facilidade, considerado estagnadas, decrépitas ou moribundas”⁹.

A dialética escravo e senhor pode ser tomada como uma das mais importantes alegorias do mundo moderno, fundamental na filosofia, ciências sociais e artes. Está presente em distintos círculos sociais, envolvendo tanto etnias e raças, como a mulher e o homem, o jovem e o adulto, o operário e o burguês, o árabe e o judeu, o ocidental e o oriental, o norte-americano e o latino-americano, o sul-africanos e os *boers* ou *afrikaners*; diferentes coletividades, grupos sociais, classes sociais e nacionalidades; todos relacionando-se, integrando-se e tensionando-se, nos jogos das forças sociais.

Esta é a dialética das relações sociais, nas quais se inserem as relações raciais: o indivíduo, tomado no singular ou coletivamente, forma-se, conforma-se e transforma-se na trama das relações sociais, formas de sociabilidade, jogos de forças sociais. São várias, mutáveis e contraditórias as determinações que constituem o indivíduo, no singular e coletivamente, o que pode transformá-lo e transformá-los; daí constituindo-se o “negro”, “branco”, “árabe”, “judeu”, “hindu”, “mexicano”, “paraguaio”, “senegalês”, “angolano”; tanto quanto “operário”, “camponês”, “latifundiário”, “burguês”; tanto quanto “mulher”, “homem”; todos e cada um vistos como criados e recriados, modificados e transfigurados na trama das relações sociais, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais; envolvendo sempre processos sócio-culturais e político-econômicos, desdobrando-se em teorias, doutrinas e ideologias. Assim se dá a metamorfose do indivíduo “em geral”, indeterminado, em indivíduo “em particular”, determinado, concretizado por várias, distintas e contraditórias determinações. Esse o clima em que germina o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, divisão do trabalho social e alienação, lutas sociais e emancipação.

Esta é, em síntese, uma idéia, hipótese ou interpretação, com a qual todos se defrontam cotidianamente, ou de quando-em-quando: a sociedade moderna, burguesa, capitalista, fabrica contínua e reiteradamente a questão racial, assim como as desigualdades feminino-masculino, o contraponto sociedade-natureza e as contradições de classes, além de outros problemas com implicações práticas e teóricas. São enigmas que nascem e desenvolvem-se com a modernidade, por dentro e por fora do “desencantamento do mundo”. A despeito de inegáveis conquistas sociais realizadas no curso dos tempos modernos, esses e outros

⁹ Geoffrey Barraclough, *Introdução à História Contemporânea*, 4ª edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976, pags. 146 e 152-3; citação do cap. VI: “A Revolta Contra o Ocidente”, pp. 146-188. Consultar também: William Shakespeare, *A Tempestade*, trad. de Barbara Heliodora, Lacerda Ed., Rio de Janeiro, 1999; G. W. F. Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, trad. de Paulo Meneses, Editora Vozes, Petrópolis, 2002, esp. cap. IV: “A Verdade da Certeza de Si Mesmo”, pp. 135-171.

enigmas se criam e recriam, desenvolvem e transfiguram, em diferentes círculos de relações sociais, não só em sociedades nacionais como também na sociedade mundial. De par-em-par com a globalização da questão social, desenvolve-se e intensifica-se mais um ciclo de racialização do mundo, assim como de transnacionalização de movimentos sociais de todos os tipos, envolvendo feministas, reivindicações étnicas, tensões e lutas religiosas implicadas na geopolítica do terrorismo e crescente consciência de que o próprio planeta Terra está ameaçado. Esses são problemas e enigmas da modernidade-nação, ou primeira modernidade, e da modernidade-mundo, ou segunda modernidade, ambas conjugando-se e tensionando-se no curso dos tempos e nos espaços do mapa do mundo; revelando que a modernidade seria ininteligível sem esses dilemas, os quais desafiam a prática e a teoria, a ideologia e a utopia.

Seria fácil reconhecer que esses enigmas estão na “natureza” das coisas, da vida, ou da sociedade burguesa, moderna, como enigmas insolúveis, ainda que manejáveis. E é esse o pensamento de muitos, em diferentes partes do mundo. Grande parte das práticas e dos discursos sobre “a lei e a ordem”, “a nova ordem econômico-social mundial”, “o mundo sem fronteiras”, “o fim da história” ou “a teoria, a prática do neoliberalismo” implica em “naturalizar ou “ideologizar” o status quo: modificar alguma coisa para que nada se transforme.

Mas é possível imaginar que esses problemas ou enigmas podem ser fermentos de outras formas de sociabilidade, outros jogos de forças sociais, outro tipo de sociedade, outro modo de produção e processo civilizatório; com os quais se põe em causa a ordem social burguesa prevalecente, revelando-se a sua incapacidade e impossibilidade de resolvê-los, reduzi-los ou eliminá-los. Sim, esses problemas ou enigmas podem ser tomados como contradições sociais abertas, encobertas ou latentes, permeando amplamente o tecido das sociedades nacionais e da sociedade mundial, com os quais se fermenta a sociedade do futuro.